

A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA LITERATURA COMPARADA NA UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

Ilva Maria Boniatti
UCS

A pesquisa intitulada “Literatura Comparada no Brasil: representações institucionais”, que venho desenvolvendo na Universidade de Caxias do Sul, fundamenta as reflexões que trago a este encontro.

Presentemente, venho estudando a questão da institucionalização literária para relacioná-la com o objeto da pesquisa. Para tanto, parto de algumas colocações de Jacques Dubois a respeito da institucionalização da literatura, dentre as quais a distinção que este autor faz entre a questão social e a ideológica. O autor considera os textos literários como criações artísticas e a literatura como instituição. Embora os primeiros sejam a manifestação desta, com elas não se confundem, porquanto a literatura propõe escolhas que definem a trajetória de cada escritor.

Embora tangenciando os estudos de Sociologia, escolho orientar minhas investigações por algumas sugestões conceituais de Dubois porque considero a literatura comparada como um campo aberto ao investigador, uma vez que prevê a interdisciplinariedade como um de seus conceitos-chave.

Assim, retomando a questão do aporte comparatista e de sua importância numa universidade como a que pertencço, situada numa região brasileira de múltiplas culturas, cumpre lembrar, com Dubois, *que l’analyse d’institution fai découvrir qu’il n’y a pas la Littérature mais des pratiques spéciales, singulières, opérant à la fois sur le langage et sur l’imaginaire et dont l’unité ne se réalise qu’à certains niveaux de fonctionnement et d’insertion dans la structure sociale.* (DUBOIS, 1978, 11).

Essas práticas especiais e singulares são o objeto de minha investigação, uma vez que todo o texto refere uma circunstância, tradição ou norma. Essa tradição, do ponto de vista fático, inicia com a criação da ABRALIC. Cabe recuperar aqui o percurso histórico do Comparatismo no Brasil, uma vez que sua institucionalização legitima uma prática que, cada vez mais, mostra-se adequada à investigação das diferenças culturais.

Tem-se notícia que, em 1984, um grupo de professores já havia projetado a ABRALIC, em reunião de coordenadores de Pós-Graduação na CAPES - MEC. Em agosto de 1985, em Paris, realizou-se o XI Congresso da Associação Internacional de Literatura Comparada, na Universidade de Sorbonne, por onde circulavam eminentes comparatistas, que constituem a própria história a Literatura Comparada.

Em agosto de 1985, na Place de la Sorbonne, elegeu-se Antonio Candido para o Comitê Executivo da AILC, vindo a ser o primeiro latino-americano a integrá-lo. Os brasileiros presentes neste Congresso, Eduardo Coutinho, Idelette Muzart Fonseca dos Santos, Neide de Faria, Tânia Franco Carvalhal e Antonio Manuel dos Santos Silva, decidiram fundar a Associação Brasileira de Literatura Comparada, que teria por sede a cidade de Brasília. Ao chegar ao Brasil, no entanto, a realização do I Seminário de Literatura Latino-Americana define o local em que será, primeiramente, sediada a Associação. Esta concretiza-se, pois, na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, sendo sua primeira presidente a professora Tania Franco Carvalhal, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Surge assim a Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC) em 9 de setembro de 1986, no âmbito do 1º Seminário Latino-Americano de Literatura Comparada,

realizado de 8 a 10 de setembro na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com a participação de comparatistas europeus e estudiosos latino-americanos.

Uma vez concretizada a sua existência, a ABRALIC passa a definir seus compromissos para com a literatura nacional e internacional, promovendo congressos bianuais, cuja temática será definida dentre as questões institucionalizadas para os estudos comparatistas. Sendo a ABRALIC uma associação de natureza acadêmica não pode deixar de assegurar o papel da Literatura Comparada na pesquisa universitária e no ensino superior.

Assim, conforme registra Neide de Faria nos Anais do I Seminário Latino-Americano de Literatura Comparada (1986,p.97) a ABRALIC comprometia-se implicitamente com os estudos da Literatura Brasileira e com as relações desta com as outras literaturas. Nesse sentido, configuram-se no âmbito da ABRALIC as seguintes relações:

- com as literaturas de sua área geográfica natural - a América Latina;
- com as literaturas-chave da tradição ocidental européia, às quais o Brasil está histórica e umbilicalmente ligado;
- com as literaturas americanas em geral, com as quais divide uma série de problemas comuns de literaturas de países do "novo mundo" de colonização européia;
- com as literaturas emergentes, a africana principalmente, por razões óbvias;
- com literaturas mais consolidadas de países diversos, de línguas menos conhecidas, com as quais tem muita reflexão a compartilhar, para repensar sua condição de literatura "menor", "marginalizada", "periférica", "dependente";
- com todas as literaturas.

Neide de Faria faz, de imediato, uma advertência sob o rótulo de Literatura Comparada no Brasil:

(...) que certamente poderá ser considerada polêmica por alguns ou por muitos – com relação a um certo posicionamento teórico extremista, entre os pólos nacionalismo x cosmopolitismo, que poderia levar os trabalhos da Associação para os caminhos radicais do chauvinismo provinciano, do ufanismo nacionalista, ou do xenofobismo, caminhos pobres ou pretensiosos, estéreis e vazios” . (1986, p. 98)

Segundo Sandra Nitrini (1997:283), *os congressos bienais da ABRALIC apresentam-se até o presente com uma dupla face: de um lado, estudos literários; de outro, e em menor extensão, estudos comparativos sistematizados e devidamente fundamentados.*

Dando prosseguimento às reflexões sobre o conceito de Literatura Comparada e o complexo do "colonizado cultural", Neide de Faria repensa institucionalmente a literatura brasileira que, até então, consagrava o *constructo* teórico de "literatura nacional" , examinando suas relações e seus diálogos entre culturas. Seu aporte enfatiza as noções de contraste e diferença, além de dar continuidade às categorias de semelhança cultural.

Os estudos literários que se contaminam pelas idéias de globalização, democratização e contextualização, nos anos 80 e 90, não deixam de ser uma proposta de renovação em consonância com o contexto econômico, político, cultural e global contemporâneo. Isso porque os *Cultural Studies* invadem a área de estudos tradicionalmente reservados à literatura, obrigando os comparatistas a repensar os seus objetivos e métodos.

Assim, rastreando o conceito de Literatura Comparada referido pelos críticos brasileiros e caminhando, desde 1986, impõe-se examinar a designação de Literatura Comparada que Tânia Carvalhal define como *uma forma de investigação literária que confronta duas ou mais literaturas* (1986:5). Nessa mesma perspectiva, partindo-se das comunicações apresentadas nos congressos da ABRALIC, Neide de Faria propõe repensar a literatura

brasileira em suas relações de "diálogo", "consenso" ou "confronto" com as literaturas do mundo todo; ou seja, relacionando esta noção com a instituição literária, tem-se que essa rede de instâncias e mecanismos de reprodução que a constitui define um sistema. Este, no caso da literatura comparada, tem a ver com sua institucionalização a partir de associações e grupos de pesquisa.

Na seqüência entre os vários estudos comparatistas, apresentados na ABRALIC, destacam-se a contribuição de Eduardo Coutinho (1996:25). Ele observa que a Literatura Comparada, como disciplina acadêmica, registra *"a passagem de um discurso coeso e unânime, com forte propensão universalizante, para outro plural e descentrado, situado historicamente, e consciente das diferenças que identificam cada corpus literário envolvido no processo da comparação."*

A professora e ensaísta Eneida Maria de Souza (1994:20) amplia a relação para o entendimento do comércio interdisciplinar, igualmente espontâneo e informal, que orientava as pesquisas realizadas no interior das Ciências Humanas. Reforça ainda a ensaísta que o apoio instrumental teórico é mais sistematizado, apagando-se a separação das áreas, a divisão de domínios, a criação de fronteiras e portas disciplinares. Assim, na ampliação deste espaço, retoma-se a interdisciplinaridade. Relacionando com a pesquisa que desenvolvo, isso leva a constatar que a proximidade interdisciplinar, por exemplo, entre História e Sociologia, fornece subsídios importantes para o estudo da institucionalização do comparatismo e seu influxo na definição de cultura.

Como se pode ler em diversos ensaios, a voz de Eneida de Souza indica a abordagem intercultural revitalizada pelos comparatistas diante da possibilidade de repensar as origens e modelos.

Nos congressos mais recentes, cujos resultados são publicados nos Anais da ABRALIC e em revistas especializadas, pode-se inferir que a perspectiva pós-modernista tende a ser dominante na década de 1990.

Os efeitos da globalização, democratização e contextualização, manifestados nas diferentes posturas dos comparatistas brasileiros, constituem um marco na história da institucionalização da Literatura Comparada. A abertura conquistada pela dissolução das fronteiras não se limita, pois, ao limite dos textos: a perspectiva comparatista amplia-se e transforma as instituições em fontes de produção do conhecimento e em local de trocas substantivas.

Apesar de os estudos literários modernos terem-se voltado para a valorização sistemática do caráter intrínseco e imanente da obra literária, os estudos contemporâneos objetivam a ampliação desses limites. A inclusão do contexto, construído nas dobras dos textos já consagrados, permitem uma leitura capaz de preservar e tornar acessível o leque de acervos dos escritores e críticos literários.

Nesse sentido, a relação entre o conceito de Literatura Comparada e os estudos literários concretizaram-se pelo desbravamento da Literatura Comparada, desde o século XIX, quando a *"migração de um elemento literário de um campo literário a outro, atravessando as fronteiras"* (Carvalho, 1991:9) passou a ser considerado como um dado importante para avaliar as trocas culturais. Hoje, para compreender as alterações por que passa a Literatura Comparada no século XX, é necessário levar em conta a composição das diferentes disciplinas que compreendem o domínio das Ciências Humanas. A questão da interdisciplinaridade, pois, deve ser considerada como a responsável pela diluição dos limites metodológicos, contribuindo para o alargamento das fronteiras e para a compreensão dos fenômenos culturais.

O que se percebe, pois, nos estudos literários contemporâneos, é exatamente o sentido de investigação, de revisão e de questionamento não só dos elementos tradicionalmente visíveis, como o literário, o artístico, mas sobretudo dos elementos excluídos pelas leituras tradicionais. Os estudos literários voltam-se, portanto, para amparar

esses elementos no campo da ciência cultural e social, redefinindo o valor do contexto e ampliando sua leitura pelo eixo interdisciplinar.

A relação entre o conceito de Literatura Comparada e os estudos literários atuais constitui uma maneira específica de dialogar entre os textos literários, não visualizando-os como sistemas fechados em si mesmos, mas interligando-os a outros contextos de significação..

Por força natural de expansão e ousadia se a literatura comparada pode *atuar entre várias áreas, apropriando-se de diversos métodos, próprios aos objetos que ela coloca em relação* (JOBIM, 1994, 75), a força desta interdisciplinaridade da literatura comparada e a teoria literária, ocorre a sua institucionalização.

Sabe-se que a Literatura Comparada colabora para o entendimento indispensável de integração cultural. A importância da implantação dos estudos comparatistas, em cada país, e, em especial nas Universidades, sua institucionalização como disciplina acadêmica, os textos se efetivam como leitura do passado, estimulando a reflexão sobre as fronteiras dos campos teóricos, literários. Referenciar os esforços dos fundadores da Literatura Comparada no Rio Grande do Sul, não é demais citar as palavras de Tânia Carvalhal (1997:9) quando diz que “*reconhecer que a literatura comparada é hoje plural; que assume formas distintas, estreitamente relacionadas não apenas com os conceitos teóricos que validam as metodologias adotadas mas também com os locais onde é praticada. E é precisamente a diversidade das práticas que permite converter seu conjunto em objeto de comparação, pois não se pode comparar o que é totalmente idêntico.*” Cabe ressaltar a necessidade de estudos comparatistas na Universidade de Caxias do Sul que, pelo grau de migração e emigração dos estudos culturais da serra, ensejam a interdisciplinaridade.

Ignorar os fundamentos históricos e literários dessas migrações é descomprometer-se com o social e o cultural que a Literatura Comparada poderá desvelar.

Bibliografia Consultada:

- CARVALHAL, Tania Franco. *Série Princípios: Literatura Comparada*. São Paulo: Ática, 1986.
- CARVALHAL, Tania Franco. *Literatura Comparada: a estratégia interdisciplinar*. In: Revista de literatura comparada, 1: 9 – 21(1991). ABRALIC.
- CARVALHAL, Tania Franco. (org.). *Literatura Comparada no Mundo: questões e métodos*. Porto Alegre: L&PM/VITAE/AILC, 1997.
- DUBOIS, Jacques. *L'institution de la littérature: Introduction a une sociologie*. Brussels: Labor, 1978.
- GRASSIN, Jean-Marie. *Littératures émergentes*. Bern: Lang. 1996.
- GRAWUNDER, Maria Zenilda. *Instituição literária: análise da legitimação da obra de Dyonelio Machado*. Porto Alegre: EDIPUCRS/IEL, 1997.
- JOBIM, José Luis. *A crítica da teoria: uma análise institucional*. In: Revista Brasileira de Literatura Comparada. São Paulo: ABRALIC, maio, 1994, v. 2. p. 73.
- NITRINI, Sandra. *Literatura Comparada: história, teoria e crítica*. São Paulo: EDUSP, 1997.
- SOUZA, Eneida Maria de. *Literatura Comparada: o espaço nômade do Saber*. In: Revista Brasileira de Literatura Comparada. São Paulo, v. 2, p. 19 – 24, maio 1994.
- I SEMINÁRIO LATINO – AMERICANO DE LITERATURA COMPARADA, 1986, Porto Alegre. Anais*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, p. 97, 1986.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Faculdade de Filosofia. Instituto de Letras. ORGANON/ UFRGS, v.1, n. 1, Porto Alegre: 1996.